

# Info-Guide On-line: Palmito Pupunha

---

## Introdução

Nas décadas de 40 e 50 o Estado de São Paulo foi um dos maiores produtores nacional de palmito juçara atingindo praticamente 50% da produção nacional. Atualmente o Estado contribui com cerca de 2% do palmito consumido, evidenciando-se que nos últimos 30 anos o palmito nativo paulista foi praticamente extinto.



Por ser um alimento nobre e muito apreciado, o grande consumo de palmito transformou o Brasil no maior exportador, responsável por cerca de 95% do palmito consumido em todo o mundo. No entanto, devido ao extrativismo desenfreado das espécies nativas de palmito juçara (*Euterpe edulis*) e açai (*Euterpe oleraceae*), que são muitas vezes retiradas das florestas de forma clandestina, foi criada uma legislação no sentido de coibir tal prática. A ação dos palmiteiros clandestinos (com o significado de ladrão de palmito) provoca sérios prejuízos ao equilíbrio da floresta, com danos notadamente para a fauna que se alimenta daquelas espécies. Além disso, coloca em risco também a saúde dos consumidores, no momento em que estes adquirem produtos que muitas vezes foram "industrializados" sem condições mínimas de higiene, no interior das matas, de forma clandestina e sem os cuidados higiênicos necessários.

Em função da quase extinção do palmito juçara, originário da Mata Atlântica e ecossistemas associados, atualmente cerca de 97% do palmito brasileiro comercializado, o açai, é proveniente da Floresta Amazônica, originário do Estado do Pará, o que tem levado a indústria palmiteira ao deslocamento para a Região Norte, para extrair e industrializar o palmito açai, podendo ocorrer também lá a extinção econômica da espécie, caso a extração continue no mesmo ritmo atual. Diante desta situação de escassez e rigor, o próprio mercado obrigou-se a buscar uma alternativa ambientalmente correta e economicamente viável que atendesse este filão que cresce continuamente.

## Histórico da Pupunha



Desde o evento mundial denominado "RIO 92", quando os países participantes foram signatários de um acordo no sentido de que a partir do ano 2000, a importação e/ou exportação do palmito a ser consumido deverá ser proveniente de florestas plantadas e não simplesmente extraído da mata nativa, o Brasil começou a estudar a viabilidade do plantio do palmito pupunha. Através de pesquisas ficou comprovado que o solo argilo-arenoso, clima quente e chuvas freqüentes, são requisitos ideais e correspondem as condições da região do Vale do Ribeira. Uma variedade do palmito que ao ser

cultivada tem garantido o selo de qualidade de origem, uma espécie de passaporte que assegura a sua livre comercialização.

No ano de 1993 aconteceu um dos primeiros encontros regionais para discutir a viabilidade, de se plantar com finalidade econômica espécies de palmito. Dentre as quais, foi apresentada a espécie pupunha, cuja origem é a Floresta Amazônica, e a variedade utilizada (sem espinhos) provém da Amazônia peruana.

### **Benefícios gerais decorrentes**

Diversificação dos sistemas de produção introduzindo uma nova alternativa de cultura agroflorestal da região;



- Geração de empregos na cidade e no campo;
- Instalação de uma ou mais unidades industriais para o processamento do produto;
- Obtenção do volume de matéria prima suficiente para sustentar a produção em escala;
- Abastecimento do mercado interno e externo;
- Oferta de um produto que esteja apto à livre comercialização nacional e internacional;
- Aumento da cobertura florestal da propriedade, com uma espécie protetora do solo, diminuindo a contaminação dos rios e nascentes;
- Diminuição da pressão extrativista sobre os remanescentes naturais.
- Benefícios sociais com ênfase à geração de empregos:

O plantio ecológico de palmito Pupunha tem por finalidade gerar empregos diretos na indústria e no campo, beneficiando os trabalhadores rurais e urbanos e suas famílias. Possibilita a diminuição do êxodo rural, com conseqüente fixação do homem no campo, oferecendo uma nova alternativa econômica ao proprietário e trabalhador rural de maneira precoce, permanente e não perecível. Também oferece uma fonte extra de renda ao produtor, que pode vender o produto "palmito in natura" direto ao consumidor.

### **Benefícios econômicos com ênfase à geração de renda:**

Tem por objetivo criar uma nova alternativa de renda aos produtores rurais, permitindo a diversificação da propriedade e diminuindo a monocultura. A estimativa de receita líquida a partir do segundo ano de implantação é atualmente de R\$4.000,00/ha. Os Municípios serão beneficiados com o aumento na arrecadação de impostos e em contrapartida o comércio, através do aumento do consumo interno decorrente da circulação de moeda na comunidade local.



### **Benefícios ambientais**

O aumento da oferta de palmito de pupunha, com preços acessíveis, desestimula o consumo extrativista do palmito nativo, notadamente do palmito extraído e industrializado de forma clandestina e ilegal. Esta cultura possibilita o reaproveitamento de áreas degradadas e/ou de baixa fertilidade. A mesma, caracteriza-se ainda pela proteção do solo através da densa cobertura vegetal, melhorando suas condições químicas, físicas e biológicas, regenerando o solo com a incorporação do excedente de partes da planta que não se aproveita comercialmente. Os resíduos servem ainda como complemento para alimentação animal.

A cultura permite a formação de "barreiras florestais", colaborando para que não haja contaminação dos mananciais pelas águas de enxurradas e formando quebra-ventos de proteção. Outro fator importantíssimo consiste na não utilização de produtos considerados tóxicos ao homem e ao meio ambiente. Além do mais, proporciona a formação ou recuperação de reservas florestais de forma sustentada, sendo indicada devido às suas qualidades ecológicas.

O cultivo sustentado permite a preservação de outras espécies nativas como o juçara e o açai, possibilitando às indústrias o cultivo e a industrialização de uma espécie alternativa, evitando extração clandestina das reservas ecológicas.

### **Benefícios indiretos com ênfase ao desenvolvimento regional**

A introdução da cultura do palmito pupunha na Região do Vale do Ribeira vem proporcionar uma nova alternativa de produção rural, com rentabilidade comprovada e ainda com a vantagem de ter um mercado consumidor habituado ao produto. A cadeia produtiva do palmito de pupunha, desde a produção de mudas até o consumidor final irá proporcionar o desenvolvimento sócio-econômico regional.

Os municípios, através do fomento e incentivo à implantação da cultura do palmito e política de incentivo para atração de unidades processadoras de matéria prima promovem a geração de trabalho e renda para a comunidade local.

### **Resultados decorrentes**

O plantio do Palmito Ecológico que se desenvolve, busca na primeira etapa a produção e fornecimento de mudas aos produtores a um custo reduzido. Na segunda ocorre a implantação e assistência técnica necessária aos produtores rurais, através da Secretaria Estadual de Agricultura e Meio Ambiente (que desenvolve o Programa Florestas Municipais do Governo do Estado) em conjunto com CATI-SP. (Projeto Alternativas Agroflorestais). Na terceira etapa, ocorre a colheita e a comercialização da matéria prima, com a

implantação de uma ou mais unidades para o processamento industrial e comercialização do produto.

Em apoio aos produtores rurais do município de Pariquera-Açú, a prefeitura municipal mantém programas de subsídio na aquisição de mudas e utilização de máquinas para o preparo e conservação do solo.

O Projeto Palmito Ecológico está diretamente ligado aos objetivos do Programa Florestas Municipais (Governo de São Paulo/CATI), no qual a Prefeitura Municipal de Pariquera-Açú está integrada.

### **Aspectos de mercado e comercialização**

O palmito é um produto nobre e com mercado garantido, sendo o Brasil o maior produtor mundial com aproximadamente 95% do total. De todas as exportações de hortaliças no ano de 1987 que foi de US\$/FOB 41.253.110,00, o palmito representou US\$/FOB 35.539.417,00 sendo os maiores importadores a França e os Estados Unidos. O Brasil, somente para atender o consumo interno, necessita de uma área cultivada de 130.000 hectares atualmente.

No mercado interno o palmito é muito apreciado, sendo uma das conservas mais consumidas pelos brasileiros. Entretanto, dado o grande volume de palmito colhido e processado clandestinamente, o produto consumido no Brasil apresenta com frequência relativamente alta, má qualidade, muita fibra e acidez elevada.

A cultura da pupunha permite um cultivo racional e um processamento industrial dentro de parâmetros técnicos adequados à qualidade e higiene.

No contexto regional, o município de Pariquera-Açú conta com sua localização privilegiada, pois é "vizinha" da Capital de São Paulo, cidade importante tanto em relação ao consumo, quanto à revenda da mercadoria.

A cultura da pupunha é lucrativa e ambientalmente correta.

Da aparência ao paladar a pupunha é hoje uma das substitutas naturais do palmito obtido das espécies juçara ou açai. Por todas as qualidades que apresenta, vem a ser a planta economicamente viável e ambientalmente correta. Na verdade o palmito nativo que se consome normalmente é uma porção muito pequena de uma palmeira, ou coqueiro. São plantas que demoram em média oito anos para que o seu meristema apical se transforme em palmito na extremidade superior do seu caule e, uma vez cortadas, não originam outra porque seu sistema de reprodução é por sementes. Por outro lado, o palmito de pupunha é de rápido desenvolvimento.

É uma cultura precoce e permanente. A partir do segundo ano de cultivo proporciona o retorno do capital investido com certa margem de lucro na primeira colheita. Seu sistema de reprodução por brotação (perfilhamento) possibilita nova colheita a cada oito meses, garantindo rendimento por 18 a 20 anos se a lavoura for bem conduzida.

O agricultor corta a planta adulta escolhendo entre 2 a 4 brotos que a cada safra serão as novas plantas para o consumo. Com seu desenvolvimento desuniforme o agricultor faz a colheita sem o acúmulo de trabalho, podendo optar por efetuar a colheita quando mais lhe convir ou quando o mercado ofertar melhor preço, visto não possuir riscos de perdas das plantas a serem colhidas.

Como rendimento, oito meses após a colheita inicial, é possível obter 1,5 plantas/cova em média. Exemplificando, o agricultor que plantou 5.000 mudas em uma área de um hectare, ao longo da colheita a mesma quantia plantada irá aumentar para 7.500 plantas aptas para o consumo. Ou seja, cada cova rende 1,5 pé de palmito de pupunha, a média da lavoura.

No segundo ano de cultivo a planta está apta para o consumo e até o estágio atual de estudos práticos existentes em torno da cultura, o uso de agrotóxicos continua descartado.

Sendo uma cultura permanente já existe projeto em andamento para que o agricultor possa acrescentá-la em sua propriedade, como uma das espécies visando recuperar a cobertura florestal mínima necessária.

É possível utilizar a planta por completo. As folhas podem alimentar o gado, servir de cobertura para galpões ou como adubo orgânico. É utilizada ainda para a confecção artesanal de cestarias e outros.

Com o palmito de pupunha no mercado com preço acessível e de qualidade, o produto extraído e processado clandestinamente será preterido pelo consumidor em função da diferença na qualidade. Dessa forma, a pressão sobre os remanescentes de palmito nativo, notadamente do palmito juçara (*Euterpe edulis*) proveniente da Mata Atlântica será diminuída.

A pupunha pode ser cultivada em pequenas propriedades, garantindo a permanência do homem no campo, pois transforma-se em uma fonte de renda extra. Sua colheita não exige investimento em máquinas e equipamentos, proporcionando trabalho ao homem do campo.